

Uma proposta para expandir o Carnaval nas satélites

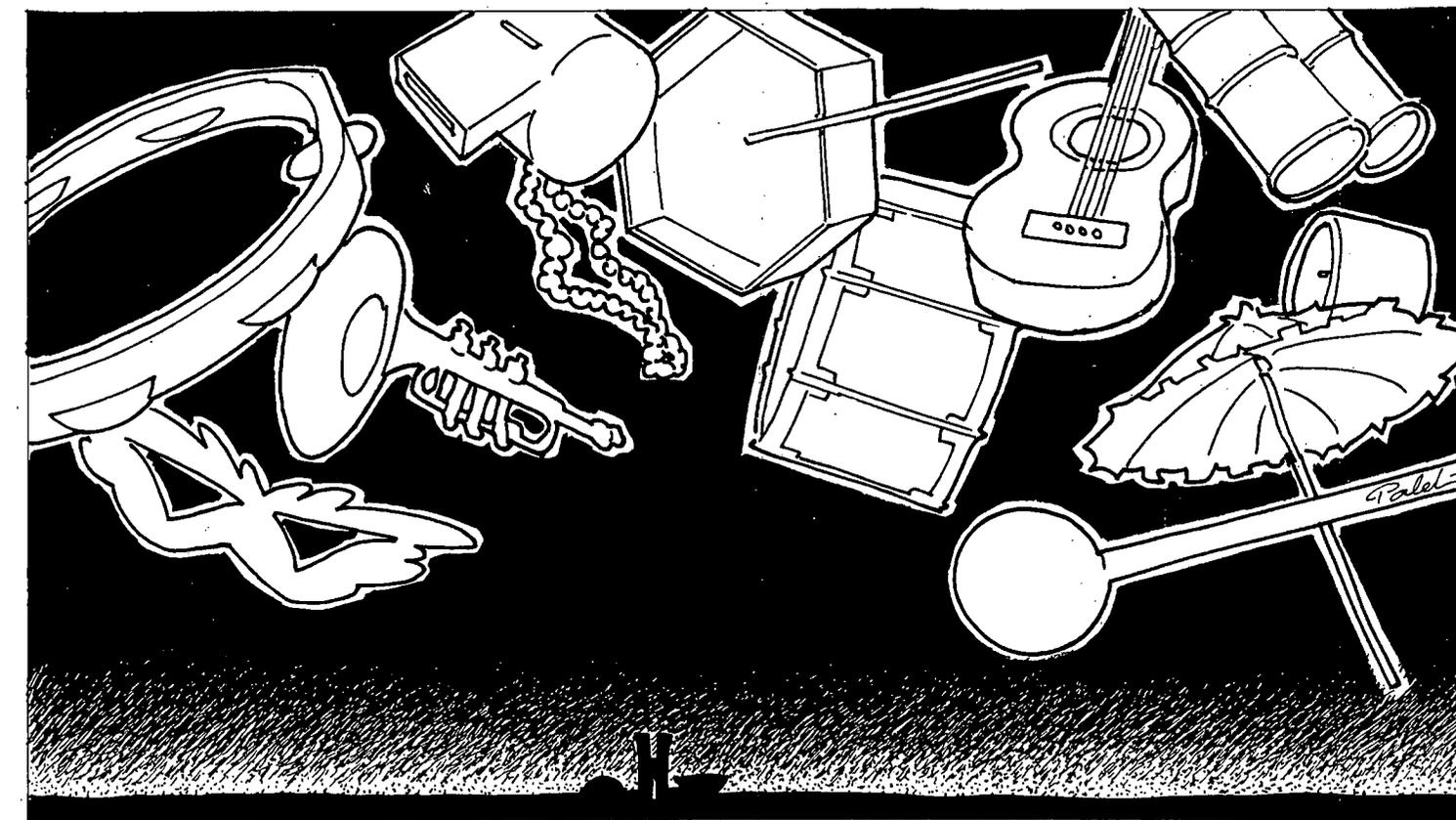
Márcio Cotrim

há se vão décadas. A festança deixava insone a população litorânea, desde Olinda/Recife, passando por Salvador até o Rio de Janeiro, onde o Carnaval encontrou seu habitat natural.

Tempos de lundus, abre-alas e zé-pereiras, os primeiros anos deste século, época feliz em que se acreditava que a guerra franco-prussiana havia sido a última e que o mundo agora viveria em paz para sempre. Ledo e ivo engano, desses que vez por outra acometem almas ingênuas deste vale de lágrimas.

A contagiante alegria dos corços cariocas, famílias inteiras que vinham do Méier — como faziam meus avós — do Grajaú e de São Cristóvão em carros abertos, baratinhas cheias de confete e serpentina para o grande momento, o apoteótico desfile pela recém-inaugurada Avenida Central, a obra faraônica do prefeito Pereira Passos. Era o Rio cordial e despreocupado do qual hoje só restam vestígios semi-arqueológicos.

Sambistas e mascarados desciam do Bola Preta ao meio-dia de sábado, iam fluvialmente ocupando o leito da Rio Branco e de seus afluentes São José, Ouvidor e Sete de Setembro. O domingo encontrava a cidade inundada de Carnaval. Assim foi com Bernardes e principalmente com Getúlio, quando



o Carnaval carioca de rua conheceu o seu apogeu.

De repente, pelas mãos mágicas de Juscelino, brotou Brasília, o autêntico e verdadeiro milagre brasileiro. Com a nova capital o País voltava peito e rumo para o interior, deixando para trás praias densas de areias alvas e finas, que docemente acolhiam as curvas das garotas das tantas Ipanemas de lá.

Aqui era só trabalho. Trabalho frenético e apressado, tudo para ontem, até para anteontem. Carnaval, só nos bares das recordações e a promessa de um dia fazê-lo em Brasília. E como boa parte de quem tinha vindo para cá trazia o samba na veia, pois chegara do Rio, alguma coisa avulsa foi feita. Blocos aqui e ali, a moçada ensaiou a organização de escolas de samba e o que parecia impossível aconteceu: um Carnaval brasiliense.

Claro que incipiente, embrionário, ainda tímido, quem sabe assustado com os grandes e novos espaços, vermelhão pouco acolhedor para a intimidade de uma roda de samba.

No começo tudo se resumia ao Plano Piloto e imediações muito próximas como o Cruzeiro, berço da Aruc, a escola de samba mais tradicional de Brasília, pentacampeã do Carnaval local e que este ano comemora 30 anos, você sabia?

Depois, as cidades-satélites foram crescendo e fundando agremiações próprias, pouco a pouco impregnadas de características locais, cada uma assumindo sua feição própria. O Plano ganhou blocos famosos como o Pacotão, que hoje transcende as fronteiras de Brasília, consolidou a tradição carnavalesca nos clubes, com destaque para a estúpida vibração da AABB, passou a conviver com a exuberante

alegria dos trios elétricos e conheceu novas manifestações logo incorporadas ao repertório, como a lambada.

Ao mesmo tempo, acabaram-se as safras musicais carnavalescas. Aquele negócio de "sambas e marchas do Carnaval de 1951", onde pontificavam nomes como Haroldo Barbosa, Emilinha Borba e Blecaute, desapareceu completamente. Quem se lembra, por exemplo, das melodias do Carnaval de 1987? Só ficaram na memória popular alguns sambas-enredo — por sinal chatíssimos, com as exceções que confirmam a regra.

Bem de acordo com a vocação de Brasília, convergência de todas as vertentes culturais brasileiras, os mais variados ritmos foram chegando, trazidos pela alma e pela boca do povo. A Ceilândia, por exemplo, uma grande cidade nordestina, com mais

de 600 mil habitantes, tornou-se reduto do forró. O mesmo tem sucedido nas demais satélites.

No Plano Piloto, é sabido, o Carnaval de rua se resume aos blocos mais tradicionais. Escolas de samba são poucas, e as pessoas geralmente melhor aquinhoadas preferem viajar para o Rio. Por isso, o desfile das escolas no Eixão merece ser repensado. É verdade que as arquibancadas recebem público razoável e que os sambistas fazem enorme sacrifício para se exibirem a contento. As verbas oficiais quase sempre não são fartas e lá vai a escola, movida pela pura abnegação de seus integrantes.

O quadro pode, a meu ver, ser melhor administrado. Acho que as lideranças carnavalescas da cidade deviam, no futuro, cogitar de uma fórmula tentativa que me parece lógica. Ei-la: cada cidade-satélite promoveria seu próprio Carnaval, seu próprio desfile. Seria a oportunidade de virem à tona manifestações específicas e ali enraizadas, além de ser uma prévia da grande competição que se realizaria na terça-feira gorda, aí sim, no Eixão do Plano Piloto.

Quer dizer: as pessoas não precisariam gastar dinheiro de transporte todos os dias para virem para a cidade, onde acontece o Carnaval oficial. Todo dia haveria Carnaval *in loco*, com apoio do governo, é certo, mas reforçado pela participação da comunidade. Na última noite, o grande encontro dos melhores grupos numa grande final no Eixão, e provavelmente para enorme platéia motivada pelos desfiles preliminares mas animadíssimos, sem dúvida. Haveria torcida, é claro, a boa emulação viria à tona e cada sambista vestiria a camisa de sua cidade ou da sua escola com muito mais convicção.

Em vez de um, Brasília teria 11 carnavais, e sem expressivo aumento de custos, desde que o trabalho seja bem articulado com as administrações regionais, o empresariado e a comunidade.

A proposta valoriza cada cidade, estimula seu trabalho carnavalesco, mobiliza o comércio, arrasta multidões para as ruas, acende a chama de um barismo construtivo, descentraliza as ações, dissemina os festejos e torna ainda mais importante o desfile no Eixão, que assume maior dimensão.

Fica a sugestão. Quem sabe ano que vem Brasília viverá a experiência de um Carnaval multiplicado por 11?